

VIDAS EM TRÂNSITO: O DESLOCAMENTO COMO LUGAR NA LITERATURA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA

Doutoranda Alessandra Valério<sup>1</sup> (UNIOESTE)

**Resumo**

Travessias, viagens, deslocamentos constituem os fios condutores de uma parte significativa das narrativas brasileiras contemporâneas. A presença recorrente e simbólica de espaços de dispersão e encontros como aeroportos, terminais de metrô, rodoviárias, assim como a preferência por personagens erráticos, desenraizados, cosmopolitas indicam a opção por uma perspectiva calcada no movimento em detrimento da prerrogativa da fixidez, da habitação. Diante disso, o objetivo deste estudo é: identificar como essa temática se desdobra em duas facetas da mobilidade, aqui denominadas de raízes viajantes e nomadismo imobilizador, abstraídas a partir das razões pelas quais as personagens são lançadas ao trânsito e como se constituem e se reconstituem a partir dele; e, também pensar como a perspectiva da mobilidade mantém convergência com modos específicos de se compreender a cultura contemporânea, relacionados, principalmente, à perspectiva multiculturalista.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea, cultura, mobilidades.

**1 Introdução**

A recorrência de personagens desenraizados, exilados, viajantes cosmopolitas ou urbanos, migrantes e imigrantes configura um quadro temático persistente na literatura contemporânea. Tais narrativas tomaram o movimento como um lugar privilegiado de observação das relações humanas, que ocorrem a partir do encontro entre indivíduos oriundos de diversos espaços, ordens sociais, origens étnicas, tradições e orientações religiosas. Daí a constante presença de ficções que se desenvolvem, em grande parte, nos espaços de circulação e dispersão, os chamados “não-lugares” (MARC-AUGÉ, 2005), que são os aeroportos, estações de ônibus e metrô, rodoviárias, as ruas de modo geral, os hotéis.

Títulos como **O sol se põe em São Paulo** de Bernardo Carvalho (2008), **A chave da casa** (2008) de Tatiana Salem Levy, **Os Húngares** (2011) de Susana Montoro, **Rakushisha** (2007) de Adriana Lisboa, **Órfãos do Eldorado** (2008) de Milton Hatoun, **Nhonjin** (2011) de Oscar Nakasato, **Diário da Queda** (2011) de Michel Laub, **O passageiro do fim do dia** (2011) de Rubens Figueiredo e **Outra Vida** (2009) de Rodrigo Lacerda atravessam de algum modo os desdobramentos temáticos provenientes da perspectiva do “deslocamento” como eixo narrativo fundante. Seja privilegiando as crises identitárias dos descendentes de imigrantes e suas relações conflitantes com a tradição dos antepassados, seja enfocando as mobilidades forçadas pelas necessidades de subsistência de viajantes urbanos e migrantes, o foco é o movimento, o fluxo, as idas e vindas, do corpo que se desloca e da memória que opera a partir dos fragmentos da experiência vivida e herdada na tentativa de atribuir sentido ao presente.

Para efeito de análise, este estudo optou por um recorte metodológico que objetiva ressaltar de que forma os temas do “deslocamento” podem aparecer em diferentes escalas nesse cenário da produção literária contemporânea. Para tal, foram selecionadas as obras **Rakushisha** (2007) de Adriana Lisboa, **A Chave da Casa** (2008) de Tatiana Salem Levy para representar um dos eixos dessa variação temática, e para outro: **O passageiro do fim do dia** (2011) de Rubens Figueiredo e **Outra Vida** (2009) de Rodrigo Lacerda. Contudo, o delineamento desses eixos temáticos sutis não implica o encerramento dessas narrativas em grupos estanques. Trata-se apenas de verificar como temas semelhantes podem ser desdobrados em aspectos diferentes.

**2 Das raízes viajantes ao nomadismo imobilizador**

O que constrange os indivíduos ao movimento? O que os leva a se lançarem às viagens cotidianas ou a jornadas cosmopolitas, atravessando fronteiras, avançando os limites territoriais e emocionais, percorrendo os espaços limiars de cidades, de países e de si mesmos? São múltiplas as vias de acesso, as formas de leitura dos romances a ser analisados, contudo, essas questões parecem se configurar na chave de abertura da porta principal, a que permite acesso ao vértice ordenador da pluralidade dos fios narrativos: a mobilidade. As razões diversas que impelem os indivíduos ao movimento contínuo são as que engendram diferentes perspectivas e expectativas acerca dos deslocamentos humanos, também as que nos permitem identificar o desdobramento da temática em dois eixos, aqui denominados, respectivamente, de **raízes viajantes e nomadismo imobilizador**.

**Rakushisha** (2007) e **A chave da casa** (2008) são narrativas representativas da escala da mobilidade em nível transnacional. Ambas apresentam os conflitos orbitando em torno de uma viagem a países estrangeiros, com os quais há uma afiliação distante, resultado da imigração de ascendentes.

Em **Rakushisha** (2008), o foco narrativo se divide entre o diário de Celina, artesã que confecciona bolsas, Haruki, ilustrador de capas de livros e descendente nipônico, e as tomadas de um narrador onisciente, constituindo assim, uma trama polifônica. Os fios errantes da memória parecem vagar a esmo e em movimentos oscilatórios que vão desvelando lentamente os conflitos deflagradores da necessidade da viagem. O sentido do título remete a uma cabana pertencente ao poeta japonês Kyorai. Traduzido, o termo significa “cabana dos caquis caídos”, uma espécie de ponto de encontro dos poetas viajantes do século XVII, que é amiúde mencionado no diário de outro poeta japonês: Matsuo Bashō. A tradução desse **Diário de Bashō** para o português serve de artifício tanto para o encontro fortuito de Celina e Haruki no metrô, no Rio de Janeiro, como razão para o empreendimento de uma viagem ao Japão.

A incumbência de ilustrar a capa da edição em português da obra do poeta nipônico desperta em Haruki um conhecido inconveniente: um mal-estar por não caber na roupagem genética que herdara. O ilustrador não nutria nenhuma memória afetiva que ligasse efetivamente o formato de seus olhos a algum conhecimento especial sobre a tradição oriental que a evidência de seus traços físicos denunciava: “Haruki sentia-se integralmente desajeitado [...] Tão atrasado, tão deselegante e antinipônico, que direito ele tinha de sair por aí usando um par de olhos puxados?” (LISBOA, 2007, p.15). Não conhecia o idioma, sempre havia negado de algum modo esse pertencimento, portanto, o seu imaginário oriental não ia muito além de algumas vagas histórias contadas pelo pai e dos estereótipos nipônicos circulantes no ocidente. Diante da inquietação que essa lacuna cultural lhe provocava e da necessidade de efetivação do desafio profissional, Haruki decide pela viagem ao país de seus antepassados, no afã de recuperar um pouco de si, da sua história e a do poeta Bashō.

As razões de Celina ter assentido viajar com Haruki para o Japão, após o encontro circunstancial no metrô, são de ordem estritamente emocional. A perda avassaladora da filha, num acidente de carro provocado pelo marido, faz da viagem de Celina uma busca pela superação de uma crise existencial. A condição de viajante lhe é decisiva na tentativa de domar a dor, uma vez que dissolve a fixidez imaginária das relações pessoais e as garantias de estabilidade que a vida não fornece. Compreender a existência pela perspectiva da viagem permite a Celina aceitar a efemeridade da condição humana e a inexorabilidade da morte, proporciona-lhe o conforto de ver a si mesma apenas como passageira, sem criar laços vulneráveis e dissolutos com a vida. O excerto seguinte, repetido como um mantra ao longo da narrativa, traduz esse desejo de Celina:

A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não o ponto fixo no espaço. Que nós somos feitos a passagem dos dias e dos meses e dos anos, como escreveu o poeta japonês Matsuo Bashō num diário de viagem, e aquilo que possuímos de fato, nosso único bem, é a capacidade de locomoção. É o talento para viajar (LISBOA, 2007, p.125).

Em Tóquio, Haruki e Celina não demoraram a se cercar de uma estranha familiaridade: “um ruído alarmante, sim, saltos pipocando nas calçadas, apitos dos sinais luminosos, vozes, os imensos

outdoors luminosos, televisores videogames” (LISBOA, 2007, p.64). Comeram *donuts* acompanhados de chá verde, enquanto viam moças loiras vestidas de quimonos comprando *Hello Kit*. Na arquitetura, os edifícios espelhados, voltados para si mesmos, fechados para a rua, lojas imensas, shoppings. Os rituais sobreviventes da tradição pareciam conviver harmoniosamente com os símbolos do capital. Entretanto, o imaginário oriental tanto de Haruki como de Celina não se nutriam daquelas referências tão urbanas e globalizadas e mesmo o deslocamento para outras regiões do país não lhes destituiu da sensação do despropósito, que era buscar homogeneidades culturais ou padrões pré-configurados naquele lugar.

Haruki não se identificou naquele pertencimento nipônico, nem o imaginado por meio das histórias do pai, tampouco o contemporâneo cosmopolita. Ele se sentia brasileiro, carioca, mesmo que os traços orientais motivassem falsas expectativas nas pessoas, como a de ser ele o ilustrador ideal para a capa do livro traduzido de Matsuo Bashō. Já para Celina, a viagem confirmou sua condição de despertencimento completo: “Viajar é pela viagem em si. É para ter o caminho debaixo dos pés” (LISBOA, 2007, p.120).

Celina e Haruki seguiram caminhos diferentes logo após o retorno do Japão. Como parceiros de viagem, eles se reconheceram no movimento, e nesse mesmo fluxo se separaram para buscar outros encontros e novos itinerários. A mobilidade também atravessa o campo das relações pessoais, condicionando a duração dos encontros: “E se não houver outro modo? E se a passagem que podemos fazer pela vida do outro for esta? Apenas esta? A passagem do viajante?” (LISBOA, 2007, p. 121).

Conflitos similares constituem a trama de **A chave da Casa** (2008) de Tatiana Salem Levy. Assim como em **Rakushisha** (2007), o imperativo do movimento é condição *sine qua non* para o desencadeamento da urdidura: “Para escrever esta história, tenho de sair de onde estou, fazer uma longa viagem, por lugares que não conheço, terras onde nunca pisei. Uma viagem de volta, ainda que não tenha saído de lugar nenhum” (LEVY, 2008, p.12).

A narrativa evolui também de modo dialógico, alternando a voz da protagonista, em um diálogo constante com um *você* vicário (que ora remete à sua mãe, ora ao seu companheiro), com a voz de seu avô imigrante turco e os relatos de sua mãe. Os avanços e recuos da memória acabam por igualar os planos temporais, colocando, por exemplo, os relatos do passado do avô numa mesma linha sequencial de presentes. Em suma, não há passado, uma vez que o argumento consiste em corporificar a memória, presentificando todas as vozes.

Não falo de aparência física, mas de um peso que carrego nas costas, um peso que me endurece os ombros e me torce o pescoço, que me deixa dias a fio com a cabeça no mesmo lugar. Um peso que não é todo meu, pois já nasci com ele. Como se toda vez em que digo eu estivesse dizendo nós. Nunca falo sozinha, falo sempre na companhia de um sopro que me segue desde o primeiro dia. (LEVY, 2008, p.09)

A herança cultural híbrida da personagem é o referencial desse “nós”, as vozes múltiplas formadoras da sua rede identitária, de seus pertencimentos plurais. A ausência do nome da protagonista é indicativa dessa prerrogativa da dispersão em detrimento de alguma homogeneidade ou unidade na formação de sua identidade. Neta de imigrantes turcos, judia, ela nasceu em Portugal, durante o exílio de seus pais, ativistas políticos, perseguidos e torturados no período da Ditadura no Brasil, de modo que a personagem se considera herdeira de todas as dores:

Nasci no exílio: em Portugal, de onde séculos antes a minha família havia sido expulsa por ser judia. Em Portugal, que acolheu meus pais, expulsos do Brasil por serem comunistas. Demos a volta e fechamos o ciclo: de Portugal para a Turquia, da Turquia para o Brasil, do Brasil novamente para Portugal. Não teria sido menos penoso e menos amargo, se não tivéssemos sido obrigados a fazer esse longo percurso? (LEVY, 2008, p.45)

Assim como em **Rakushisha** (2007), o título de **A chave da casa** (2008) anuncia a necessidade do deslocamento, a aparente razão da viagem. Neste caso, o recebimento da chave de uma antiga casa na Turquia, fornecida pelo avô junto à incumbência de localizar parentes distantes

no país parece ser a motivação suficiente para o estabelecimento da jornada. Contudo, a busca da casa é simbolicamente a busca de um lugar nessa rede extensa de pertencimentos que envolve a protagonista. Assim como Celina, a narradora de Salem Levy é impelida à viagem após ter as emoções devastadas pela perda da mãe e por um relacionamento amoroso extremamente conturbado. Os deslocamentos, nos dois romances, são justificados por fissuras identitárias e desestabilizações existenciais: “Nasci longe de mim, fora da minha terra – mas afinal, quem sou eu? Que terra é a minha?” (LEVY, 2008, p.25).

No aeroporto de Istambul, a protagonista enfrenta o colapso simbólico dos seus pertencimentos plurais. O seu passaporte português não é aceito, necessita de visto, e mesmo sendo descendente de turcos não deixa de ser uma estrangeira como qualquer outra. O mesmo incômodo de Haruki, no tocante aos aspectos físicos que denunciam a afiliação étnica, é experimentado pela personagem, ao perceber que seus traços orientais, que a exotizam no Brasil, não representam qualquer possibilidade de pertencimento no país de seus ascendentes: “Veja, não pareço turca? Olhe meu nariz comprido, a minha boca pequena, os meus olhos de azeitona. Sou turca” (LEVY, 2008, p. 37). Assim como o ilustrador nipônico, a descendente turca também não domina a língua do país de origem, e esse é um impasse incontornável quando consegue localizar alguns parentes indicados pelo avô na Turquia.

Mas você não fala a nossa língua? Todos me olhando com ar de recriminação, como se tivesse cometido uma falta grave, se não mortal. Eu, acuada, ouvindo-os, inconformados, falar entre si na língua que não falo. [...] Um verdadeiro judeu não esquece o passado. (LEVY, 2008, p.159)

A Turquia experimentada nas histórias do avô e da família era para a protagonista um familiar estranho, assim como foi o Japão para Haruki. As casas de banho e de massagens, o mercado lhe pareceram meramente um cenário para turistas. E mesmo na Mesquita, o ritual que aprendera no seio familiar não constituía nada além de um ato deslocado, até uma gafe: “Quanto mais me aproximo dos fatos, mais me afastado da verdade” (LEVY, 2008, p. 194).

Os fatos a levam constatar que a chave não abre porta nenhuma, porque a casa buscada não existe. O pertencimento fixo, enraizado pela tradição, delimitado no espaço, que é metaforizado pela casa, foi destituído pela diversidade de deslocamentos operados pelos seus familiares. A casa não existe como também não existe um único pertencimento para a protagonista, um único modo de estar e ocupar o mundo. Ela, como Haruki, foi buscar o mito da origem, que se sustenta na ideia de fixidez e estabilidade de um ponto no tempo e no espaço. Imaginário alimentado, principalmente pelos grupos que vivenciaram diásporas e imigrações. De acordo com Hall (2003), a dispersão desses grupos traz em seu bojo “a promessa do retorno redentor”, contudo, não se pode perder de vista que a terra de onde se evadiu não esteve vazia, nem suspensa no tempo. Essa terra pode se tornar irreconhecível ao viajante em retorno, e mesmo aqueles que se sentem confortáveis ao “voltar para casa”, cabe indagar a qual casa chegaram.

É importante distinguir neste ponto as diferenças essenciais que singularizam as variedades dos deslocamentos operados pelos personagens das narrativas e pelos seus antepassados. Uma vez que, Haruki e a protagonista de **A chave da casa** (2008) refazem os passos de seus ancestrais, realizam uma espécie de retorno, enquanto Celina realiza uma viagem de redenção e expiação. De acordo com Clifford (2000), diáspora deve ser pensada, relacionalmente, à viagem, imigração e exílio. Diáspora seria diferente de viagem na medida em que não é temporária, envolve residências, comunidades estabelecidas “casa fora de casa”, também se distingue das políticas de imigração que servem para integrar os imigrantes em projetos de impulsão econômica dos estados nacionais. Já o exílio seria vivido separadamente não em grupos.

Embora essas definições ainda careçam de aprofundamento, é possível observar que em **A chave da casa** (2008), encontram-se emaranhados os fios de todas essas experiências. A complexidade dos pertencimentos da protagonista advém das diásporas judias, das imigrações turcas ao Brasil e do exílio político, enquanto Haruki é herdeiro da história de imigração japonesa. Desse modo, a viagem empreendida por Haruki e a descendente turca é também uma forma de

assumir esses laços imaginários herdados com o país de origem, refazendo inversamente a trajetória dos ascendentes, ao mesmo tempo em que se nega a totalidade dessa identidade, a predominância dela sobre si mesmos. O deslocamento lhes fornece a percepção de que as heranças étnicas estão neles, mas não são eles.

Também é importante frisar que as razões dos deslocamentos realizados pelos ascendentes imigrantes são bem diferentes dos motivos que proporcionaram a viagem dos protagonistas das narrativas. A busca de melhores condições de vida e até mesmo de subsistência, a fuga das guerras são agentes que lançaram esses grupos de imigrantes à procura de novos lugares para viver. Distingue-se, portanto, da viagem circunscrita e datada realizada por Haruki, Celina e pela narradora de **A chave da casa** (2008). As mobilidades dos três personagens têm em comum o fato de serem deflagradas pela desestabilização emocional provocada por perdas irreparáveis (filha, mãe, namorada). Os abalos sofridos desencadearam crises de identidade, uma vez que tudo aquilo que se tinha como ilusoriamente estável, permanente e fixo desmanchou-se no ar. Eleger a perspectiva fluxo, do movimento, compreender a vida como caminho ou viagem é também uma forma de se proteger do imponderável da vida.

**Rakushisha** (2007) e **A chave da casa** (2008) compõem o desdobramento temático do “deslocamento” em um eixo que pode ser identificado pela ampla capacidade de mobilidade de suas personagens. Suas condições socioeconômicas favoráveis lhes permitem deslocamentos transnacionais e “viagens de expiação”. Outro aspecto distintivo do eixo são as crises identitárias provocadas pela relação dos protagonistas com a tradição de seus antepassados e com suas raízes étnicas. De qualquer modo, mesmo não sabendo muito bem como lidar com o hibridismo cultural que os condicionam, com as múltiplas referências que os compõem, esses indivíduos apresentam possibilidade de transitar entre esses diversos pertencimentos. Isso, mais do que um “fardo”, é uma oportunidade de alargar os limites dos territórios possíveis para circulação. São raízes viajantes, que possibilitam e fundamentam suas movências.

O outro eixo temático identificado como **nomadismo imobilizador** apresenta como traço distintivo as mobilidades urbanas e interurbanas. Os espaços simbólicos de passagem, encontros e desencontros não são mais os aeroportos, mas terminais de ônibus e rodoviárias. Os conflitos não orbitam em torno das múltiplas afiliações étnicas, mas dos pertencimentos sedimentados, impostos pela impossibilidade de mobilidade social. Os romances representativos desse grupo são **Passageiro do fim do dia** (2011) de Rubens Figueiredo e **Outra vida** (2009) de Rodrigo Lacerda.

A viagem empreendida por Pedro em **Passageiro do fim do dia** (2011) compreende o deslocamento centro – periferia. O rapaz se desloca até o Tirol, comunidade distante e marcada pela violência e pobreza, a fim de passar o fim de semana com a namorada Rosane, habitante do local. A perspectiva escolhida para narrar é a da cidade vista do interior de um ônibus, pelo quadrante das janelas trepidantes do veículo. Um narrador onisciente opera a reconstrução das memórias de Pedro, ao ritmo dos solavancos do ônibus, intercalando-as com as reflexões tecidas pelo rapaz a partir da observação dos passageiros e do espaço urbano.

Pedro não tem origens étnicas múltiplas, ao contrário, não se sabe onde nasceu, apenas que vive com a mãe em um apartamento pequeno e antigo no centro da cidade. Sobrevive de um sebo meio precário que conseguiu obter após receber uma indenização do Estado por ter sido esmagado pelo cavalo de um policial, numa varredura contra os camelôs. Conheceu Rosane no escritório de um amigo advogado, onde era faxineira e copeira. A moça pertence a uma típica família de migrantes que, assolados pela fome no interior do país, optaram por se deslocar à capital e viver miseravelmente na periferia. Conseguiram obter a doação de uma casinha num programa de habitação do governo, anos antes, no Tirol. Isso quando o local era praticamente inabitável e necessitava-se de três horas de viagem para se chegar a supermercados e farmácias. Ficou sendo este o único patrimônio familiar.

Os companheiros de viagem de Pedro à periferia compõem o retrato dos deslocamentos forçados por razões de sobrevivência. Os traços dos rostos denunciam suas afiliações regionais (comumente nordestinas), os corpos evidenciam a condição de trabalhadores braçais. São mãos

mutiladas, cicatrizes, faces deformadas, gorduras salientes, roupas suadas. O ônibus se torna o ponto de encontro dessa diversidade achatada e igualada pela condição dura da sobrevivência. Contudo, não há sentimentos de identificação ou simpatia entre os pares, apenas o cansaço e irritação que levam ao alheamento como forma de proteção daquele fluxo caótico. Uns dormem desmaiados, outros se desligam de tudo por meio dos fones de ouvido, outros leem a bíblia ou jornal velho.

Conforme a lotação do veículo vai se tornando insuportável, olhar para fora parece ser o único ponto de descanso para os olhos, mas também a melhor visão das contradições inerentes à grande *urbe*:

O motorista deu uma arrancada comprida, o motor lançou um ronco cada vez mais agudo e forte, até frear com um tranco diante de um sinal fechado [...] Um carro novo, grande, de marca sueca, se aproximou silenciosamente e parou ao lado. O cachorro sentado no banco do carona metia o focinho afoito pela fresta que o motorista – uma mulher, na verdade – tinha deixado a porta aberta no alto do vidro na janela. Pedro olhou bem para o cachorro, acomodado sobre as patas traseiras num assento estofado em couro preto. (FIGUEIREDO, 2011, p. 20)

Pedro não se considera pertencente nem ao universo do ônibus nem ao do cachorro, não é um trabalhador braçal, também não habita a periferia, suas relações com esse mundo são sazonais. Tampouco Rosane abraça a identidade de habitante do Tirol, não se equipara aos seus vizinhos, uma vez que faz “segundo grau e curso de inglês”, recusa esse pertencimento, porque ele lhe exclui de uma série de oportunidades. Quando procura por emprego, por exemplo, prefere completar a ficha de cadastro com outro endereço que não submeta suas chances ao preconceito velado dos empregadores. Os moradores da Várzea, bairro vizinho do Tirol, também não se identificam mutuamente. Acreditam ser aqueles menos periféricos e menos excluídos do que estes, embora ocupem praticamente o mesmo território:

Mas Pedro com o tempo e com a repetição dos finais de semana que passava na casa de Rosane, não pôde deixar de observar em muitos moradores a tendência ou quem sabe a regra de não cruzar certos limites, de considerar-se estranhos a certos lugares e também estranhos e até hostis às pessoas que residiam nesses lugares. (FIGUEIREDO, 2011, p. 74)

A viagem de Pedro não completa seu itinerário. Na medida em que se aproxima do destino, as informações vão revelando que há um bloqueio no acesso aos bairros, promovido por bandidos que ateiam fogo em veículos em forma de protesto às ações da polícia. Os passageiros são obrigados a desembarcar antes do acesso e a terminarem sua jornada a pé, atormentados pela possibilidade de balas perdidas e pelo anúncio de morte iminente. A cidade lhes é hostil, a periferia é ainda mais, uma vez que são esmagados pela violência e pela miséria.

A viagem, aqui, é revestida pelo sentido da travessia dolorosa, imposta pela necessidade de subsistência daqueles que foram lançados às margens. O ir e vir do trabalho é uma jornada de retorno à Ítaca, só que sem Ítaca, já que não há o conforto do imaginário do lar tranquilo e sereno esperando o herói. Os sobreviventes não possuem uma árvore genealógica frutífera que lhes forneça referenciais identitários abundantes, pelo contrário, seus parentes foram se perdendo pelo caminho ou morreram precocemente por saúde mal cuidada. Seus antecedentes são de miséria nômade, quanto mais caminha menos se move, pois continua circunscrita ao âmbito da margem, imobilizada pela exclusão.

O mesmo nomadismo imobilizador se verifica em **Outra vida** (2009) de Rodrigo Lacerda. A narrativa se desenrola na rodoviária enquanto um casal e sua filha esperam o ônibus que os levará de volta à cidadezinha do interior de onde vieram. Fragmentos da memória vão sendo resgatados de acordo com as cenas familiares que os protagonistas vão identificando ao redor de si, naquele ambiente de fluxo. A ausência de nomes, sendo os personagens apenas designados como o homem, mulher e filha, evidencia o anonimato das pessoas que transitam por aquele local de passagem. O drama vivido pelo casal é apenas um nó naquele imenso torvelinho de vidas em trânsito, em que desfilam várias histórias de desencontros e desencantos da existência urbana. A “outra vida” que

fora idealizada pelo casal, na cidade grande, não passou de um desastroso engano que acabou por ameaçar a própria estrutura da família.

O fantasma do fracasso que acompanha o retorno ao ponto de origem confronta o jovem casal com a frustração em todos os níveis da convivência. Envolvido involuntariamente em um escândalo de corrupção na estatal de telecomunicações em que trabalhava, o marido se encontra desempregado e humilhado. Filho do açougueiro da pequena cidade em que nasceu, ele vê no retorno a única possibilidade de sobrevivência, embora seja a mais vexatória. Enquanto a esposa, encantada pela vida na metrópole, movida pela empáfia e ambição desmedidas, enfrenta esse retorno como um ultraje aos seus planos, uma involução e se questiona, amiúde, sobre a pertinência desse sacrifício despropositado pela filha e pelo marido. Na medida em que a hora da partida se aproxima, a tensão entre os dois cresce, desencadeando o rompimento definitivo. Ele parte com a filha, ela fica na capital.

Caminhar em círculos, andar sem sair do lugar é o que caracteriza os deslocamentos desse grupo. Impelidos ao movimento em busca de melhores condições de vida, essas personagens não conseguem nada além que girar em torno do próprio eixo. Se nos dois grupos as mobilidades são circunscritas a determinados espaços, no segundo, elas são ainda mais limitadas a alguns itinerários restritos pelos limites econômicos. No eixo das **raízes viajantes**, a multiplicidade de pertencimentos engendra crises identitárias ou as perdas emocionais que aguçam as consciências acerca da transitoriedade da vida e orientam as personagens a aderir ao desenraizamento, ao desapego, ao movimento. No grupo do **nomadismo imobilizante**, as restritas possibilidades de pertencimentos, a busca por romper com o fatalismo do lugar social desprivilegiado, as batalhas pela subsistência lançam os protagonistas a mobilidades dolorosas, porque os fazem percorrer áreas hostis, espaços interditados a eles, movimentos que, na realidade, apenas os tornam ainda mais imóveis e seus lugares ainda mais engessados na estrutura social.

### **3 Cultura como viagem**

Qualquer que seja a o desdobramento tomado em relação ao trânsito, ao movimento agenciado pelos personagens, a perspectiva do deslocamento desprivilegia as relações de habitação, de moradia e fixidez. Essas narrativas “do fora” se distinguem, relacionalmente, das grandes tramas telúricas que constituem parte significativa do cânone da literatura brasileira. Ou seja, são essencialmente urbanas, são transnacionais, enfatizam a multiplicidade étnica, mas não em função do fortalecimento da unidade de uma cultura nacional soberana (Santiago, 2004). Destacam indivíduos solitários, desagregados em detrimento das tradicionais narrativas, centralizadas nas relações familiares com a terra, nas raízes estabelecidas com um lugar determinado e na formação de uma cultura local.

Tais especificidades não tornam essas ficções uma novidade na literatura contemporânea, no entanto, a presença massiva dessas características indica uma vontade de verdade do presente, relacionada a uma convergência temática muito estreita com algumas perspectivas dos estudos multiculturalistas e pós-coloniais. Tomemos como representantes dessa tendência as postulações de Stuart Hall, James Clifford e Homi Bhabha. Para esses estudiosos da cultura é justamente a ideia de fixidez, enquanto enraizamento a um lugar ou o pressuposto da homogeneidade cultural, o baluarte discursivo dominante que deve ser ultrapassado.

“Sem dúvidas os povos sempre foram mais móveis e as culturas menos fixas do que as abordagens clássicas e tipologizantes da antropologia clássica sugerem”, afirma Clifford (2000, p.50) em seu texto intitulado de **Culturas Viajantes**. Nele, o teórico postula que os estudos antropológicos sempre privilegiaram as relações de habitação e moradia em detrimento dos espaços de circulação, trânsito como os lugares fronteiriços, os meios de transporte e as relações do povo local com os viajantes.

No prólogo do livro **Routes** (1997), Clifford retoma a mesma questão a partir da análise do texto de Amitav Ghosh, **The Iman and the Indian**, o qual funcionaria como uma parábola das

inquietações que o antropólogo vem levantando acerca da noção de cultura tomada pela antropologia clássica. No referido ensaio, o escritor indiano discute o encontro entre os nativos de uma aldeia egípcia e um pesquisador de campo. Em sua descrição, Gosh nutria a expectativa de encontrar uma população enraizada, no entanto, verificou, surpreendentemente, que os nativos da aldeia mantinham anseios análogos aos dos passageiros que se deslocam em um aeroporto. Para Clifford (1997), o que, a priori, poderia assinalar mais um dos efeitos globalizantes da pós-modernidade, uma população marcada por deslocamentos, consistia de fato numa tradição persistente há muitas gerações na aldeia. Isso porque seus ancestrais já haviam viajado, deslocando-se por vários motivos: guerras, busca de meios de subsistência ou, simplesmente, por que se sentiam entediados de permanecer no mesmo lugar.

A fim de desrecalcas as práticas de viagem sob a hegemonia das relações de estabilidade, moradia e fixidez, Clifford (1997) propõe uma perspectiva de estudo que visualize as práticas de deslocamento também como constitutivas da formação cultural, ou melhor, que perceba a viagem com uma forma de **localização humana**. Desse modo, a dicotomia viagem-habitação que muitas vezes concebe a primeira apenas como complemento da segunda, no sentido de que as “rotas” são desfavorecidas em detrimento das “raízes” é abandonada em virtude de uma perspectiva que considere as relações de interferência, mediação e interação entre “morar-viajar” e “morar em viagem” (CLIFFORD, 1997, p. 02). Contudo, Clifford (2000) alerta para a inconveniência de apenas inverter a dicotomia, supervalorizando o movimento e desconsiderando as relações que os habitantes mantêm com o lugar em que vivem e como modificam e são modificados por ele.

Em minha questão atual, o objetivo não é substituir a figura cultural “nativo” pela figura intercultural “viajante”. Em vez disso, a tarefa é concentrar-se nas mediações concretas entre as duas em casos específicos de tensão e relação histórica. Em graus variados, ambas são constitutivas do que contaremos como experiência cultural. Não estou recomendando que façamos da margem um novo centro (por exemplo, “nós”, somos todos viajantes), mas que dinâmicas específicas de morar e viajar sejam analisadas comparativamente. (CLIFFORD, 2000, p.53)

Ao propor a percepção de “cultura como viagem”, Clifford (2000) insiste no direcionamento do olhar para os portos de passagem, em um viés que tome as culturas como “lugares atravessados” por “turistas, oleodutos, produtos ocidentais, sinais de rádio e televisão” (CLIFFORD, 2000, p.53).

A mesma insistência na constatação da diferença e do hibridismo cultural resultante das mobilidades humanas na formação das identidades é a preocupação central das discussões de Stuart Hall. Em **Das diásporas** (2003), o intelectual fundador dos estudos culturais alerta para o fato de as diferenças sempre estarem presentes na constituição das culturas, mas terem sido apagadas em função de relações de poder e controle que buscavam na unidade identitária nacional uma forma de abafar os conflitos. A concepção de “tradição” e “raízes” teve um papel crucial na manutenção desse *status quo* de poder:

Trata-se, e claro, de uma concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido e estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. E, claro, um mito — com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido a nossa história (HALL, 2003, p. 29).

Para Hall (2003) é importante ater o foco na forma como o hibridismo, a mistura, a “impureza” resultante das diásporas podem render “inusitadas combinações” de seres humanos culturas e ideias políticas. Contudo, sem sugerir que esse sincretismo dos elementos diferentes

estabeleça uma relação de igualdade entre os pares, uma vez que eles estão sempre inscritos numa relação de poder. Desse modo, o conceito de cultura subjacente a essas postulações deve se dar pelo privilegiamento da perspectiva diaspórica, do movimento e da hibridez como antídoto aos modelos estereotipados dominantes de identidades culturais.

Portanto, é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o "lugar". Disjunções patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, e claro, tem seus "locais". Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam (HALL, 2003, p. 30).

É justamente a reivindicação de uma subversão da narrativa dominante que atribui sentido aos eventos passados em prol do colonizador, em função da visão eurocêntrica do mundo que constitui o postulado central das discussões teóricas dos intelectuais do pós-colonialismo. Homi Bhabha, crítico indo-britânico, na contramão do conceito de "fixidez" como ponto basal na construção ideológica da alteridade pelo discurso colonial que agencia estereótipos e estigmas "a cindir artificial e tragicamente uma realidade de signos e significados plurais" (BHABHA, 2007, p.40), sugere a "diferença cultural" como expressão de um mundo de fronteiras, em que tudo se torna uma experiência de **travessia**, na qual pontes móveis possibilitam ininterruptas descobertas do incomparável e do inigualável a se transmutar em novos ineditismos. A fronteira é a ponte que acompanha os passos mais lentos ou mais apressados dos homens e das mulheres para lá e para cá, de modo que novas margens sejam alcançadas. Assim, o "local da cultura" de Bhabha (2007, p.51) é:

outro lugar de enunciação, híbrido, 'inadequado', outro lócus de inscrição e intervenção das lutas de identificações: raça, gênero, vinculação institucional, orientação sexual, localidade geopolítica, língua, habilidades e competências, dentre outras. A cultura é fronteira, passagem, travessia, (des)encontros de vozes dissonantes.

O local da cultura é a insurgência do espaço disjuntivo da modernidade. A contra-modernidade pós-colonial reflete-se como parte do "entre-lugar", do "entremeio", revelando vidas oscilantes, espaços fronteiros, identidades híbridas.

### **Conclusão**

A compreensão da cultura como viagem, como deslocamento e espaço de emergência do híbrido têm nutrido o imaginário da produção literária brasileira contemporânea e contribuído para que, entre outros aspectos, categorias como tempo e espaço obtenham uma nova configuração nas narrativas, permitindo que diferentes conflitos na trama urbana adquiram inteligibilidade. O trânsito, nessa perspectiva, é fundamental para a construção e reconstrução relacional das identidades, para a apreensão das tensões engendradas pela coexistência de diferentes temporalidades no mesmo espaço e para as diferentes formas de percorrer e ocupar esse espaço, assim como a sua amplitude e o seu alcance por parte dos indivíduos.

Tanto no eixo raízes viajantes quanto no nomadismo imobilizador é possível perceber que o movimento e o trânsito são condições essenciais para a busca de soluções para conflitos já desencadeados e também o próprio deflagrador de novos processos sociais, fazendo com que os itinerários sejam uma forma de buscar outros sentidos para a existência, um ponto privilegiado de observação das relações humanas na contemporaneidade.

### **Referências bibliográficas**

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. *Culturas Viajantes*. In: O espaço da diferença. Org. Antonio A. Arantes. Campinas: Editora Papyrus, 2000.

FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LACERDA, Rodrigo. *Outra vida*. Rio de Janeiro, Editora Alfaguara, 2009.

LEVY, Tatiana Salem. *A chave da casa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LISBOA, Adriana. *Rakushisha*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

---

<sup>i</sup> Alessandra Valério. Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Pesquisadora Capes/CNPQ. [profealevaler@gmail.com](mailto:profealevaler@gmail.com)